

segundocaderno@oglobo.com.br

HERMANO
VIANNA

Cadeados virtuais

Não consigo mais escrever sem internet. Fico o tempo todo alternando "abas", entre processador de texto e navegador, até para consultar grafias ou gramática. Então, antes de iniciar esta coluna, liguei o wi-fi, que me respondeu com lista de redes ao alcance: há nove sinais com força suficiente para minha utilização. Mas os vizinhos tomaram cuidado de protegê-los com "cadeados" virtuais. Depois da reflexão da semana passada sobre a "escassez" do espectro eletromagnético, fiquei mais sensível para essas demonstrações de desperdício. Claro que seria mais racional, em termos de banda/grana, transformarmos essas redes privadas sobrepostas, e subutilizadas, em compartilhado wi-fi público. Porém, já fizemos escolha pela vida de cada um no seu quadrado espectral.

Sim, conheço movimentos pela abertura de todos esses cadeados, liberando as redes de nossas casas/empresas para quem passa por perto. Custos adicionais seriam compensados quando precisarmos da banda larga do wi-fi alheio. Pena: a indústria do medo nos faz pagar caro por isolamento, afirmando que qualquer abertura nos tornaria vulneráveis para ataques de ladrões de dados, como se toda conexão com a internet não fosse já artiscada (mesmo com todos os cadeados do mundo) ou como se as redes sociais, nuvens e governos não espionassem todos nossos passos eletrônicos. Não adianta: eu e meus nove vizinhos pagamos dez vezes pela "mesma" conexão.

Manuais de modern/roteador nos ensinam que espaço público deve ser evitado. Parece com congestionamento de SUVs blindados na porta de colégios de elite. Dizem as cartilhas de segurança: transportes públicos são perigosos. Resultado: em vez de brigar por melhores (e mais seguras) linhas de ônibus, os "poderosos" fogem das ruas, deixando o "comum" para quem "depende de programas sociais". Abandonando também visível na decadência dos orelhões — que não por acaso têm nome oficial de "telefones públicos". Tudo indica que a "sociedade" já fez a escolha, aparentemente mais cômoda ou segura, de trocá-los por celulares privados e pela dependência de operadoras e fabricantes de "obsolescência programada".

Estou parecendo velho comunista, perseguindo espectros, incluindo nostálgica ternura por wi-fi compartilhado? Enquanto escrevia o texto da sexta-feira passada, com link para o "Manifesto comunista", fiz pesquisa paralela sobre a utilização do termo "espectro" na obra de Marx e Engels. A língua alemã tem a palavra "Spektrum", mas no "Manifesto" encontramos "Gespenst" que tem mais cara de "fantasma". Tanto que quando apareceu em inglês pela primeira vez foi traduzida por "hobgoblin", adequado para personagem de Tolkien. Traduções posteriores preferiram a maior seriedade de "spectre". Mesmo assim, como demonstrou Derrida em seu "Espectros de Marx", continuamos numa cena hamletiana, entre fantasmas e fetichismos (hoje fantasiados de "hedge funds" que rondam as novas crises do capitalismo).

Descobri, lendo a página Verso deste jornal (aquela que brinca com nossa percepção do real alterando o sentido da leitura), a comemoração dos 150 anos da Primeira Internacional, quando "os trabalhadores do mundo se uniram". Tanto tempo depois, os fantasmas ocupam o centro do palco das representações mesmo sindicalistas: estamos aprendendo a lidar com "trabalho imaterial" ou com o "precarizado".

Hoje, em Nova York, tem início conferência chamada "Trabalho digital", que pretende colocar em debate novas formas fantasmagóricas de trabalho (terceirizado, free-lancer, flexibilizado etc.), incluindo polémica sobre a definição do que fazemos nas redes sociais como "criação de valor" ou "exploração trabalhista" para/por empresas donas desses espaços (públicos? privados?) de convivência, onde temos avatares e encontramos robôs e "fakes" a cada instante. Multidões de espectros rondando nossas vidas. Novos invasores de corpos.

Quando Agostinho da Silva será descoberto em outras línguas, para além de nosso mundo lusófono? Em "Vida conversável", publicado em 1994 pela Editora da UNB, ele defendia claramente a "abolição da obrigação do trabalho". Nosso eterno professor lutava por um mundo em que "a máquina chegue a sua máxima elaboração, cujo fim será o de nunca nos oprimir, em que só tenham que trabalhar com ela os homens que ela também ama".

MANOEL DE BARROS CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 1

Versos em várias mídias
PALAVRAS
FORA DO PAPEL

Produção literária do autor matogrossense inspirou filmes, exposições e montagens teatrais ao longo das últimas décadas

Os versos de Manoel de Barros não se limitaram ao papel. Também foram compreendidos em ensaios audiovisuais, exposições e nos palcos por artistas interessados em ampliar o alcance e traduzir em outras artes a poesia do sul-matogrossense.

O curta de ficção "Caramujo-flor" (1988) se inspirou em seus escritos para falar da vida do autor — encarnado nas telas por Ney Matogrosso — no Pantanal e de sua obsessão pelo mar. O escritor faz uma breve participação no início do filme de Joel Pizzini, citando trecho de "Arranjos para assobio", de 1980. O documentário "Só dez por cento é mentira" (2008), de Pedro Cezar, investe em recursos sonoros e gráficos para interpretar a produção literária do poeta.

— Barros falou de sentimentos universais do homem, especialmente os mais positivos, como o amor. Você não vê em sua obra coisas sobre a inveja, o ciúme, a traição — diz Cezar. — Muita gente tem vontade de dançar quando vê o Michael Jackson, ou de jogar futebol quando assiste ao Neymar. Da mesma forma, todo mundo quer escrever quando lê Manoel de Barros.

Também ancorados na estética documental, os jornalistas Claudio Savaget e Enilton Rodrigues produziram, em 2007, "Paixão pela palavra", série de cinco programas nos quais Barros fala sobre sua vida e seu processo de criação.

Coubte a criadores teatrais recorrerem à sua poesia para formular delicadas críticas ao mundo contemporâneo, soterrado pelos excessos do

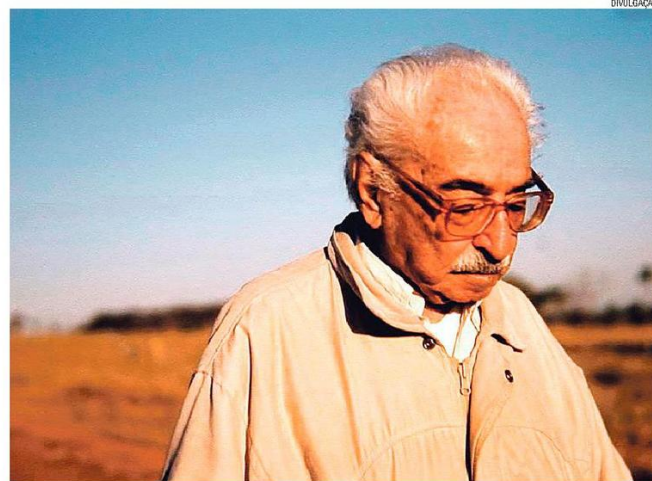
trabalho automatizado. Em 2013, a coreógrafa Paula Maracajá concebeu o espetáculo "Tudo que não invento é falso" como uma obra-resposta à frase do poeta: "Para mim, quem descreve não é dono do assunto... Quem inventa é". Os intérpretes evidenciavam que o ato de criação é, além de possível, uma atividade leve.

Inspiração em "O livro do nada", a peça "Nada", dos irmãos Adriano e Fernando Guimarães, estreou no Rio em 2012 escancarando as ressonâncias entre as obras de Beckett e Barros, sobretudo na identificação do "nada" como estética retrabalhada por ambos. Muitas outras montagens inspiradas no poeta chegaram aos palcos nos últimos tempos, como "Inutilidades" (2002), dirigida por Moacir Chaves, e "Memórias inventadas" (2011), de Alexandre Varella.

Atualmente, a exposição "Perto do rio tenho sete anos", do fotógrafo André Gardenberg, reúne no CCBB, até 22 de dezembro, imagens produzidas em viagem ao Centro-Oeste, cujo cenário tanto inspirou o poeta.

— Minha ideia foi devolver aos versos as imagens que sua poesia me proporcionou, mostrando uma visão diferenciada daquele universo tão particular — explica Gardenberg. •

NA WEB
oglobo.com.br/cultura
Assista aos documentários "Paixão pela palavra" e "Só dez por cento é mentira"



Sentimentos universais. Documentário "Só dez por cento é mentira" interpreta produção literária de Barros



"Já sabia que ele ia partir, mas é duro quando a notícia chega. Agora o poeta virou caramujo, foi embora. Mergulhou nas águas do Pantanal"

Luís Turiba
Poeta e editor

"Houve uma época em que alguns poetas e críticos apressados designaram sua poesia como ingênua. Eu nunca tive dúvidas — ingênuos eram os que diziam que sua poesia era ingênua"

Alberto Pucheu
Poeta e ensaista

Muita gente tem vontade de dançar quando vê o Michael Jackson, ou de jogar futebol quando assiste ao Neymar. Da mesma forma, todo mundo quer escrever quando lê Manoel de Barros"

Pedro Cezar

Diretor de "Só dez por cento é mentira" (2008), documentário sobre o poeta

ADALBERTO MÜLLER

Artigo

"Onde me esqueci em ti, você virou pensamento". Estava traduzindo esse verso de Paul Celan quando recebi a notícia. Encontrei Manoel pela primeira vez na casa dele em Campo Grande, na Rua Piratininga, em 1990. Ele tinha idade para ser meu avô. Mas conversávamos como se fôssemos amigos de faculdade. O que ele me disse logo até hoje é para mim a melhor maneira de entender a poesia dele: "Eu escrevo a documentos entre

Eulogia para
Manoel

em "Gramática expositiva do chão" (1969). O chão, o humilde, o pequeno, o cisco, o nada: essa sempre foi a sua matéria de poesia. Mas essa matéria tinha um método, que consistia em ajeitar o chão com asas de linguagem.

Em Manoel de Barros, a linguagem da natureza perscruta a tempo todo a natureza da lin-

degger — Manoel o admirava — que, no mundo dominado pela ciência e pela técnica, estamos perdendo o chão. A falta de chão nos torna a cada dia mais dependentes das coisas técnicas (do carro ao Facebook). Precisamos, diz o filósofo, aprender a tratar essas coisas técnicas com indiferença, acompanhada de uma abertura para o mistério. Assim, poderemos criar novamente raízes no chão, para podermos alcançar o infinito.

Difícil situar a poesia de Manoel de Barros numa época. Manoel era moderno

banal com era os homens que me tinham amor, homens que estejam apaixonados pela máquina".

Anunciado na coluna passada, o crowdfunding ("ajude-nos a construir o futuro que a Humanidade merece") do Ind.ie conseguiu arredar 43% de US\$ 100 mil em menos de 24 horas. Mesmo sem contribuir todo mundo precisa ver o vídeo da campanha em <https://ind.ie>. Aparentemente nem os fantasmas ficarão fora da nova nuvem. ●

TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
MARCUS FAUSTINI	FRANCISCO BOSCO	MARIO SERGIO CONTI	HERMANO VIANNA	JOSÉ MIGUEL VISHNIK	FERNANDO GABEIRA

escrevo o desconhecido entre a palavra e a ideia".

Manoel não gostava da verdade, ele prezava a invenção. Por exemplo: o criador de gado e advogado que atendia por Manoel Wenceslau Leite de Barros — nascido em Cuiabá — inventou para si um poeta desocupado e errante, que assinava como Manoel de Barros — nascido perto de Corumbá. Pois foi na fazenda da região de Corumbá que Manoel, criança, conheceu o chão, que depois ele recriaria

o tempo todo a natureza da linguagem. Sua poesia cria simbioses entre coisas, animais e pessoas, e todos "falam". O poeta é um tradutor dessas falas. Por exemplo, a fala do pantaneiro se mistura com o português barroco de Padre Vieira e Padre Bernardes, que ele conhecia de cor, e lia em edições antigas. Seus personagens são ao mesmo tempo reais, como Bernardo — a quem ele me levou pessoalmente para conhecer, por dizer que eu estaria "teorizando demais" — e, ao mes-

me sempre gostou de cinema e de imagem, tanto que nos anos 1940 fez um curso de cinema no MoMA, em Nova York. Manoel era um criador de imagens, ao seu modo. O poeta é um ser possuído pelas imagens, ele dizia. Mas as imagens estão corrompidas pelo uso e pelo lugar-comum. Como se lê em "Arranjos para assobio" (1982). "Olho é uma coisa que participa o silêncio dos outros. Coisa é uma pessoa que termina como sílaba. O chão é um ensino." Dizia o filósofo alemão Hei-

degger. Manoel era moderno e arcaico. Não creio que fosse um poeta contemporâneo. Era ex-temporâneo. Intempestivo. Temporão. Vinha de nenhum lugar. Ia para o futuro, atrás da chuva que ele escutou no olho cego de Bernardo: "Ontem choveu no futuro". ●

Adalberto Müller é professor de Teoria da Literatura e Cinema na UFF. Organizou o volume "Manoel de Barros: Encontros" (Ed. Azougue)